Cr$ 50,00

Trama de COVARDES.

NS
NOVA SAMPA

1

DOMÍNIO DE BRAVOS

Dougall Westlake

SÉRIE: DOMÍNIO DE BRAVOS - VERMELHO

VOLUME: 1

TÍTULO: TRAMA DE COVARDES.

AUTOR: DOUGALL WESTLAKE

CAPA:

EDITORA: NOVA SAMPA

ANO DA PUBLICAÇÃO:

DOUGALL WESTLAKE

TRAMA DE COVARDES

Uma Edição:

NOVA SAMPA

CAPÍTULO 1

O melhor de todos

John Goodwish, Inspetor-chefe dos federais em Denver, olhou para a moça que estava à sua frente e perguntou:

– Em que posso servi-la, senhorita?

A jovem se esforçou para esboçar um sorriso e disse:

– Meu nome é Nora Springer. Sou filha de Robert Springer, o senhor deve saber quem é...

Goodwish anuiu com a cabeça.

Sim...

Era mais do que claro que ele sabia quem era Robert Springer, o maior e mais poderoso rancheiro de todo o noroeste dos Estados Unidos.

Aliás, a oeste do meridiano 90, era mais fácil não se conhecer o presidente da República do que deixar de saber quem era Robert Springer.

Goodwish fez um sinal para que a moça sentasse e voltou a perguntar:

– Em que é que eu posso servi-la, senhorita Springer?

Nora ficou alguns momentos calada, os lábios muito apertados e o belo rosto crispado.

Finalmente, depois de respirar fundo, ela disse:

– É sobre o desaparecimento de meu pai... Preciso saber alguma coisa a respeito do que aconteceu.

Goodwish suspirou.

– Na realidade, senhorita – disse ele – Nós também gostaríamos de saber alguma coisa a respeito disso... Perdemos um de nossos melhores agentes nessa tragédia e, apesar dos esforços que nossos delegados estão fazendo, não conseguimos absolutamente nada!

Uma expressão consternada se abateu sobre o rosto de Nora.

– Mas não é possível – disse ela – Vocês precisam descobrir algo! Isso não pode ficar assim!

Goodwish ergueu os ombros, desanimado e falou:

– A senhorita tem que compreender a nossa posição. Fizemos todas as investigações possíveis a respeito do caso. Fomos nós que levantamos os primeiros sinais de perigo para seu pai. Enviamos um de nossos melhores delegados para sua casa para avisá-lo! Fisher morreu, seu pai foi sequestrado, o nosso informante morreu e nós estamos completamente sem pistas para seguir! Sinceramente, já não sabemos mais o que fazer!

Nora ficou em silêncio por alguns momentos e, levantando-se, irritada, falou:

– Papai foi sequestrado há mais de seis meses. Desde então, não tive nenhuma notícia dele, não recebi nenhum pedido de resgate! Um de seus homens morreu... E não temos nada em que nos possamos pegar para uma investigação mais ampla e mais séria!

Olhando desafiadoramente para Goodwish, ela perguntou:

– Acha que eu posso acreditar nisso?

Um intenso rubor se espalhou pelo rosto do Inspetor-chefe...

Ele sabia que, na realidade, a jovem tinha toda a razão...

Porém, por outro lado, ele também sabia que nada poderia fazer.

O Departamento de Justiça estava apeiado, cerceado em suas ações, lutando desesperadamente com faltas crônicas de verbas e de homens para bem poderem desempenhar as suas funções...

– Estamos fazendo o que podemos, senhorita Springer. Lamento imensamente não podermos fazer mais...

Nora não disse mais nada.

Dando as costas ao Inspetor, deixou a sua sala, simplesmente furiosa.

Ela sabia que aquele homem não tinha culpa nenhuma... Se quisesse crucificar alguém, ela teria que se dirigir aos chefões do Departamento de Justiça, em Washington.

Mas...

Nora sabia muito bem que seria inútil.

Aqueles políticos corruptos e mofados haveriam sempre de conhecer uma boa desculpa para a inatividade e para o entravamento de todos os serviços que dependiam do governo da União.

Se ela quisesse resultados, simplesmente teria que pagar...

Saindo do escritório regional do Departamento de Justiça, a jovem voltou para o hotel em que se encontrava hospedada...

Precisava pensar, precisava tomar algumas decisões muito sérias a respeito de tudo aquilo.

O Springer’s ranch estava indo de mal a pior.

Não que lhe faltasse dinheiro ou que a sombra terrível da falência estivesse pairando sobre a sua propriedade.

Não se tratava disso!

O que acontecia era simplesmente que, a falta de seu pai estava fazendo com que muitos negócios que ele havia começado a entabular se paralisassem e, assim, o movimento de gado no rancho tinha sido profundamente afetado.

Dinheiro, havia de sobra, mesmo depois que os bandidos tinham levado tudo o que estava no cofre, naquela tarde de sábado...

O que estava acontecendo era que os pastos estavam acabando, o gado logo começaria a passar fome se ela não começasse a vendê-lo, fazendo lugar para que pudessem passar o inverno sem muita fome...

E esse tipo de atitude, Nora estava com medo de tomar.

Não queria, de maneira nenhuma assumir a responsabilidade de uma decisão assim pois, segundo o que lhe dissera o capataz, seria necessário vender pelo menos metade da boiada para que os restantes não ficassem sem capim durante os meses gelados que estavam para chegar...

E não seria nada fácil transformar em dinheiro nada menos que cinquenta mil cabeças de gado...

Além disso, seu pai estava fazendo muita falta no controle dos empregados.

Por mais que Nora e o capataz se esforçassem, a ausência de Springer fazia com que os vaqueiros e mesmo os granjeiros se sentissem inseguros...

E não há cancro maior do que o da insegurança para fazer com que um serviço antes bem organizado e em perfeito funcionamento, comece a se mostrar entravado em verdadeiro estado de caos...

E era justamente isso que estava acontecendo com o Springer’s Ranch.

A indisciplina imperava, o capataz, Greg, não conseguia manter os empregados na linha e, aos poucos, o serviço do rancho que funcionava bem e que era um verdadeiro modelo de organização, começava a se deteriorar, a se entravar, a mostrar sinais de enfraquecimento e de fragilidade.

Nora precisava fazer alguma coisa e, uma das mais importantes era, justamente, tratar de encontrar o pai ou pelo menos, ter provas concretas e cabais de sua morte, o que iria possibilitar à moça, assumir de maneira definitiva e total a chefia da propriedade e o acesso às contas bancárias de Robert Springer.

Chegando ao seu quarto, a jovem se estirou sobre a cama e disse para Marie Bonbaiser, que a estava acompanhando:

– Não sei mais o que fazer, Marie! Os federais não têm nenhuma pista, não parecem nem mesmo muito entusiasmados em procurar alguma coisa...

Marie, ajudando-a a descalçar as complicadas botinas de atacadores, falou:

– Você tem que ser um pouco mais compreensiva, minha querida... O Departamento de Justiça anda apertadíssimo com a proximidade das eleições... De mais a mais, você sabe muito bem como é que funcionam esses departamentos governamentais! Todos eles são entravados de burocracias, são morosos e atrasados!

Nora fitou Marie com uma expressão de desespero em seu rosto e perguntou:

– Mas o que é que podemos fazer? São eles que têm a obrigação de encontrar papai! Nós não podemos sair por aí fazendo perguntas, não é verdade?

A beira de uma crise emocional, quase chorando, a moça disse, irada:

– A culpa é sua, Marie! Se estivesse casada como deveria estar, com meu pai, essas coisas não aconteceriam! Você estaria em casa e sempre...

Marie olhou consternada para Nora e, interrompendo-a, falou:

– Eu não seria mais do que um estorvo no momento em que os bandidos estivessem atacando, Nora... Não valho grande coisa longe de meu fogão e de minhas costuras...

Acariciando os cabelos da moça, acrescentou:

– E eu pensei que lhe tivesse explicado porque é que não me casei com seu pai... Eu não poderia tolerar que dissessem, na cidade, às minhas costas, que eu tinha feito um casamento por interesse! Preferi ser a amante de seu pai, preferi passar, muitas vezes por leviana..., mas por interesseira, isso jamais aconteceu e eu jamais permitiria que acontecesse!

Com o rosto molhado por suas lágrimas, Nora se abraçou a Marie e disse:

– Perdoe minhas palavras, Marie... estou nervosa! nem mesmo sei o que digo!

Marie beijou-a na testa e murmurou:

– Você tem dinheiro, Nora... Porque e que não contrata alguém para procurar por Robert? Acho que seria o melhor que teria a fazer!

Nora refletiu por alguns momentos.

Sim...

– Sim... – respondeu a moça – Já pensei nisso...

E, com um suspiro de desânimo, acrescentou...

– O problema é que eu não tenho a menor idéia de quem procurar, Marie... Não se esqueça que eu acabei de chegar de Londres... Não estou acostumada aos métodos dos Estados Unidos! Lá na Inglaterra, tudo é muito diferente! Tudo é organizado e funcional! Basta ver, por exemplo, o serviço da Scotland Yard!

E, com um olhar sonhador:

– Ah! Se nós tivéssemos aqui alguma coisa semelhante à Scotland Yard...!

– Mas nós não temos – falou Marie, categórica.

Ajudando Nora com o vestido, disse, sorrindo:

– Aqui, se você quiser eficiência, terá que pagar!

– Muito bem! – concordou Nora – Mas pagar para quem? Se ao menos eu soubesse para quem, a coisa estaria resolvida!

Marie tirou as fitas que prendiam o corpete que Nora estava usando, liberando-a do incômodo de ter o corpo preso e disse:

– Há a Pinkerton, minha filha... Aposto o que quiser que eles vão conseguir muito mais do que esses federais amarrados à entravada burocracia!

* * *

Phillip Mayne, supervisor de investigadores da Pinkerton Agency, em Chicago, olhou com um sorriso para a moça e disse:

– Perfeitamente, senhorita Springer... Nós vamos cuidar de seu caso.

Olhou para o cheque que a moça lhe havia dado e falou:

– Vamos designar o melhor de nossos agentes para isso. Um homem que já viveu no Oeste e, exatamente por isso, é perfeitamente capaz de ser

mais hábil do que a maioria para esse tipo de coisa.

Levantando-se da cadeira em que estava sentado, apanhou uma grande pasta na estante à sua frente e disse, mostrando-a para Nora:

– Aqui temos tudo sobre o caso do desaparecimento de seu pai. Quando soubemos da notícia, mandamos nosso departamento de informações coletar todos os dados possíveis sobre o caso para que, se eventualmente viéssemos a ser convocados para colaborar, pudéssemos ter uma parte do caminho já trilhada.

Nora arregalou os olhos, cheia de admiração.

Estava vendo que a agência era, realmente, eficiente...

Mayne sorriu, fitou-a intensamente e perguntou:

– O que é melhor para a senhorita: saber o que aconteceu com seu pai ou simplesmente, no caso de ele haver... desaparecido... deixar que o caso fique assim?

Nora não entendeu a pergunta, a princípio e Mayne, com paciência, explicou:

– Seu pai pode ter morrido... Isso pode ser ou não ser interessante para os seus negócios, senhorita Springer... Por isso é que perguntei.

– Quero a verdade! – exclamou a jovem, espantada – Não me importa qual ela seja, mas o que eu quero é a verdade!

Mayne sorriu, satisfeito.

– Ótimo – fez ele – Nesse caso, poderemos trabalhar sossegados, com a certeza de que a senhorita estará ao lado da lei.

Tocou uma sineta em sua mesa e, quase que no mesmo instante, uma moça entrou na sala.

– Mande chamar o agente Ironhead... Diga-lhe para comparecer à minha sala imediatamente...

A moça fez um sinal afirmativo com a cabeça e tornou a sair.

Mayne voltou a olhar para Nora e disse, muito sério:

– Charles Ironhead é um dos nossos melhores agentes, senhorita Springer. Talvez fique um pouco surpresa com o seu jeito de ser, mas pode confiar cegamente nele...

Levantou-se, mostrando que a reunião estava encerrada e disse, estendendo a mão para Nora:

– Amanhã pela manhã Ironhead irá procurá-la em seu hotel. Peço-lhe que lhe conte tudo o que sabe, sem omitir nenhuma espécie de detalhe,

inclusive algum segredo da vida íntima de seu pai que, por acaso, tenha vindo a saber. Por outro lado, peço-lhe que siga à risca todas as recomendações que ele lhe fizer...

Nora fez um sinal afirmativo com a cabeça e saiu da sala, ainda impressionada com a sensação de segurança e de confiança que aquele homem tinha conseguido lhe incutir.

– Sem dúvida – disse ela para Marie, já no hotel – Se há alguém que possa fazer alguma coisa por nós, esse alguém é Pinkerton!

CAPÍTULO 2

Um homem chamado Ironhead

Passava um pouco de oito horas da noite quando o camareiro veio avisar Nora de que havia um certo senhor Ironhead querendo conversar com ela na sala de visitas do hotel.

Nora franziu as sobrancelhas.

Afinal estava esperando o homem da Pinkerton apenas no dia seguinte e não naquela mesma noite.

Desceu as escadas pressurosa, ardendo de curiosidade em conhecer aquele que estaria encarregado de descobrir alguma coisa sobre o paradeiro de seu pai.

Já tinha escutado falar tanto a respeito dos agentes da mais famosa agência particular de investigações...

Para ela um homem que trabalhasse para Allan Pinkerton era alguém cercado de mistério, de perigos, com um aroma de imensa sensualidade justamente por causa de todo o ambiente em que vivia e por causa da sua maneira de viver.

Chegando ao saguão do hotel, um rapaz de pouco mais de vinte e cinco anos de idade, vestido como um vaqueiro texano, avançou em sua direção.

– Senhorita Springer? – perguntou ele.

– Sim – respondeu Nora.

– Meu nome é Charles Ironhead... Trabalho para a Pinkerton e, se não se incomodasse, gostaria de lhe fazer algumas perguntas...

Por um breve instante, Nora não soube dizer se estava intrigada, alarmada ou simplesmente decepcionada com a figura de Ironhead.

Ela esperava um homem elegante, vestido com um sobretudo de tweed, cheio de boas maneiras e com um olhar que ficaria entre o misterioso e o frio...

Ela estava esperando uma figura extraída de algum livro de Doyle, mas, jamais, em tempo algum, poderia imaginar que um agente da Pinkerton viesse se apresentar a ela vestido como um vaqueiro, sem nem

mesmo deixar de usar as suas botas e os seus Colts colocados em coldres de saque rápido...

Nora suspirou.

Lembrou-se das palavras de Mayne, dizendo que ela não deveria se surpreender com a aparência de Ironhead.

– Pois não — respondeu ela – Estou às suas ordens... Se quiser fazer perguntas...

Dirigiram-se para um canto mais afastado da sala de visitas e, pedindo a um garçom que trouxesse alguma coisa para beberem, Ironhead começou:

– Li com toda a atenção o relatório que a Pinkerton fez a respeito de seu pai e de seu desaparecimento. Há muita coisa que, evidentemente não está muito clara, visto esse trabalho ter sido feito apenas com base na compilação de informações extraídas dos noticiários de jornais.

Nora sorriu intimamente.

Estava gostando daquele moço.

Ele falava com calma, suas palavras eram bem pronunciadas, com um leve sotaque bostoniano, o que traía por completo as roupas que estava usando.

Ironhead continuou:

– Preciso saber, por exemplo, da vida íntima de seu pai. São dados que a Pinkerton não tem. Sabemos, apenas que ele é viúvo e que não se casou novamente.

Deu um sorriso, ergueu os ombros um pouco sem jeito e acrescentou:

– No entanto, é preciso admitir que ele é jovem ainda... É impossível que não tivesse uma amante ou qualquer coisa assim, pois não sou capaz de acreditar que um homem como ele pudesse ter uma vida monástica após a morte da esposa.

Nora sorriu.

– De fato – falou ela – Meu pai tinha a sua cara-metade escondida...

Contou-lhe, então tudo o que sabia a respeito do caso de amor de seu pai com Marie e, terminou, dizendo:

– De qualquer maneira, não acredito que Marie tenha qualquer coisa a ver com o desaparecimento dele, pelo que posso perceber, ela está tão ansiosa quanto eu, talvez até mais...

Ironhead permaneceu em silêncio por alguns instantes e, depois perguntou:

– Marie tinha acesso às contas de seu pai? Acha que ela teria condições de efetuar o pagamento de um resgate?

Nora sacudiu negativamente a cabeça e respondeu:

– Com certeza, não... Marie não pode dispor de mais do que o dinheiro para a despesa básica de sua pessoa e da casa. Não teria como ter acesso a somas volumosas o bastante para esse fim.

Mais uma vez, Ironhead ficou pensativo, olhando parado para o vazio à sua frente.

Depois, voltando os olhos para Nora, disse:

– Creio que as coisas vão começar a se precipitar a partir de agora...

Nora franziu as sobrancelhas sem entender o que ele estava querendo dizer.

– Não compreendo – disse ela – Como, assim?

– Eles não enviaram nem uma só palavra a respeito de seu pai – respondeu Ironhead – Quero dizer... aqueles que estão com o senhor Springer... Isso porque sabiam que não adiantaria coisa nenhuma pedir um resgate para Marie uma vez que ela não poderia lançar mão do dinheiro para pagá-lo.

Sorriu e acrescentou:

– Eles estavam esperando por sua chegada. Agora, com toda a certeza as coisas vão começar a acontecer...Antes que Nora pudesse falar alguma coisa, Ironhead continuou:

– Acho que os sequestradores vão entrar em contato com você a partir de agora. Pode estar certa de que eles sabem muito bem o que você está fazendo, o que está planejando, de que forma está agindo.

Levantou-se e disse:

– Da mesma maneira que os jornalistas a estão seguindo, sequiosos de notícias, os bandidos também estão fazendo o mesmo e, exatamente por isso, a missão que está querendo que a Pinkerton aceite, está se tornando excessivamente perigosa.

Nora sentiu uma pontada em seu coração.

Pela maneira como aquele homem estava falando, poderia facilmente entender que a Pinkerton não mais estava interessada no caso...!

Ironhead estendeu a mão para Nora e falou:

– Sinto muito, Nora..., mas a Pinkerton não vai cuidar desse caso. É um assunto para a Justiça, para as autoridades policiais e não para uma agência

de investigações como a nossa, absolutamente particular!

Nora sentiu que as lágrimas lhe afluíam aos olhos.

– Quer dizer, então que vocês não vão... – começou ela a falar.

– Sim – cortou Ironhead – Nós não cuidaremos do caso... O dinheiro que já entregou para a Pinkerton será devolvido amanhã pela manhã. O nosso departamento de contabilidade depositará o cheque de volta em sua conta...

Nora teve que se esforçar ao máximo para reprimir os soluços.

Viu Ironhead se afastar, viu com isso as esperanças de reencontrar o pai ficarem cada vez mais longe...

Com passos arrastados, subiu de volta para o seu quarto.

Precisava dormir...

Talvez o sono trouxesse de volta o ânimo e a coragem de que iria precisar para procurar outra pessoa que se habilitasse a sair em campo, à procura de seu pai...

Ou de qualquer notícia a seu respeito...

* * *

Os jornais da manhã estavam sobre a bandeja com o desjejum e, desanimadamente, Nora apanhou o primeiro deles.

Seus olhos se arregalaram.

Ali, em letras garrafais, estava escrito:

NORA SPRINGER PROCURA PELO PAI
AGÊNCIA PINKERTON RECUSA O CASO!

Nas linhas que se seguiam vinha a explicação detalhada do desaparecimento de Robert Springer e as razões pelas quais a agência estava recusando o serviço, alegando nelas que o risco financeiro era grande demais, que as empresas de Springer estavam em situação difícil, uma vez que a ausência de Robert fazia com que não houvesse possibilidade de efetuar pagamentos e nem mesmo investimentos importantes como, por exemplo, a recompra de gado para a próxima safra.

Nora ficou furiosa.

– Mas isto não tem cabimento! – exclamou a moça – Pinkerton não poderia jamais fazer uma coisa destas!

Atirando longe o jornal e levantando-se de um salto, a jovem completou:

– Se o rancho já não estava bem, a partir de agora é que a situação estará pior ainda!

Já vestida, ela falou para Marie:

– Vou procurar um advogado! Vou processar Pinkerton por causa dessa história e ele vai ter que tomar na cabeça! Não poderia jamais fazer isso, me prejudicar dessa forma!

Marie sorriu.

Procurando acalmar Nora, ela falou:

– Conheço a Pinkerton há muitos anos. Sei como é que é o seu sistema de trabalho e sei como é que eles são honestos e espertos. Pode estar certa de que, se eles mandaram publicar uma notícia assim, têm as suas razões... Tenha calma e espere mais um pouco antes de agir com precipitação, o que poderá pôr a perder todas as suas oportunidades de encontrar seu pai!

Nora olhou para Marie com uma certa desconfiança.

– Será que é assim? – perguntou ela.

E, com um olhar perdido, carregado de desânimo, completou:

– Ironhead disse que não iria cuidar do caso! E você está tentando me dizer que ele não me abandonou...!

Nora não tinha terminado de falar quando bateram à porta.

– Quem é? – perguntou Marie.

– Serviço de manutenção, senhora... – foi a resposta através da porta – Temos que fazer um pequeno reparo em seu banheiro!

Marie e Nora franziram as sobrancelhas.

Pelo que pudessem perceber, não havia nada a ser feito no banheiro da suíte...

Porém, Marie abriu a porta e, afastando-se para o lado, permitiu que aquele homem vestindo um uniforme de operário, entrasse.

Quando ele se encontrava no meio do quarto, já a porta novamente fechada atrás de si, ergueu a viseira do boné que estava usando e Nora, mais uma vez naquela manhã, arregalou os olhos cheia de espanto.

– Ironhead! – exclamou! Mas o que...?

O agente da Pinkerton sorriu, pousou o dedo indicador sobre os lábios pedindo-lhe silêncio e falou:

– Não fale alto, senhorita! Até as paredes podem ter ouvidos!

* * *

Deixando a água do banheiro correr ruidosamente, Ironhead explicou:

– Estou trabalhando com uma possibilidade, Nora... A de que os homens que sequestraram seu pai pensem que não há mais condições de exigirem resgates muito altos... Isso os levará a afinal entrarem em contato com você ou com alguém que possa ter acesso às contas de Springer!

Sorriu e acrescentou:

– Estou tentando fazer com que os supostos sequestradores pensem que você não tem acesso a nenhuma das contas mais altas do Rancho!

Nora sorriu.

Estava começando a entender o que o rapaz estava querendo fazer.

– Acha, então, que eles vão tentar entrar em contato comigo? – perguntou a moça, ansiosa.

– Sim – respondeu Ironhead – Mas não o farão aqui em Chicago... Por isso, você deverá voltar para o Rancho e começar a agir como se estivesse sem dinheiro. Isso fará com que as pessoas que estiverem envolvidas nessa história sórdida, se manifestem!

Começando a fechar as torneiras, acrescentou:

– Pode ser que façam isso muito antes do que estou imaginando... E pode ser até que haja algum risco para você! Não deve se preocupar... Estarei sempre por perto para protegê-la de alguma tentativa mais ousada...

Já se dirigindo para a porta, ele sussurrou:

– Há um trem que parte hoje à noite para o Oeste... Será uma boa escolha se você alugar um vagão particular para poder viajar com mais calma e para que eu possa ter mais tranquilidade quanto à sua segurança!

CAPÍTULO 3

Um plano terrível

Enquanto Nora e Marie rumavam para Fremont, a pouco mais de trinta milhas de distância do Springer's ranch, dois homens conversavam.

– Acho que estamos conseguindo o nosso objetivo – disse Will Ramson, o mais velho dos dois.

Mostrando o jornal para o seu companheiro, ajuntou:

– Springer está falido! Logo poderemos adquirir o seu rancho por uma bagatela!

Josh Carson, com um sorriso maldoso, concordou com as palavras do amigo e disse:

– Não há mais porque mantermos esse idiota vivo... Podemos começar a segunda parte de nosso plano... Vamos arrancar o que for possível de dinheiro de sua filha e, a partir daí, com os dólares do próprio Springer, vamos comprar o seu rancho!

Muito sério, Ramson murmurou:

– Temos que agir com cautela. Não podemos correr o risco de sermos descobertos, compreende?

– É claro, concordou o outro – Não teria a menor graça perdemos tudo agora, que estamos tão perto de atingirmos a nossa meta!

Acendeu um charuto e falou:

– Só não entendo porque é que não agimos de modo diferente desde o início! Poderíamos ter liquidado Springer e sua filha desde o momento em que o sequestramos. O rancho teria ido a leilão e nós o teríamos adquirido com a maior facilidade!

Ramson sacudiu negativamente a cabeça e explicou:

– As coisas não teriam sido assim tão fáceis, meu amigo... Em primeiro lugar, talvez despertássemos algumas suspeitas extremamente indesejáveis e, em segundo, Nora estava em Londres... Não teríamos a menor chance de fazer alguma coisa contra ela e, quem é que poderia garantir que a jovem, ao saber da morte do pai, não tivesse mandado um seu procurador cuidar do

testamento e da herança e, ao mesmo tempo, da venda dessas terras? Assim, sem deixar que soubessem de coisa nenhuma, nós pudemos manter um estado de ansiedade que só foi benfazejo para os nossos planos. Nora quer resgatar o pai e não medirá esforços para isso.

Carson deixou entender, pela expressão de seu rosto, que não estava muito de acordo com as palavras de Ramson.

Este, erguendo os ombros, falou!

– Ora, Carson! Pense o que quiser! Para mim, isso pouco importa! O que interessa é que agora, Nora vai estar bem mais inclinado que antes, a soltar o dinheiro! E é isso o que nós precisamos! Que ela fique sem um centavo sequer para que o rancho possa ser comprado por um quase nada!

E, com um sorriso maldoso, acrescentou:

– Ou, então, o que será muito mais fácil, para que possamos adquirir o rancho no leilão, depois que essa moça for morta!

Carson sorriu.

– É claro que nós vamos nos divertir um pouco com ela, não é mesmo? – perguntou o bandido – Afinal, seria um desperdício imperdoável deixá-la morrer assim, sem mais nem menos, sem que passemos algumas horas bem agradáveis

com ela!

E, com um olhar carregado de lubricidade, disse:

– Acho que ela faria milagres para salvar a própria vida! Milagres muitíssimo agradáveis, por sinal!

* * *

Enquanto isso, Nora e Marie se encontravam no interior do vagão particular alugado pela moça, ambas muito nervosas e preocupadas.

Não tinham visto Ironhead embarcar naquele trem e isso podia significar que o agente da Pinkerton não tivesse conseguido apanhar aquele trem.

O que seria verdadeiramente desastroso para elas, uma vez que sem ele, ambas estariam completamente perdidas, sem saber o que fazer.

– E se os bandidos resolverem nos atacar? – perguntou Nora, tremendo de medo – Não estou gostando disso! Não estou me achando nem um pouco segura!

Marie estava, da mesma maneira, com medo e nervosa. Porém, achava-se na obrigação de fazer com que a moça não entrasse em pânico e, por isso, procurava se controlar ao máximo.

Afagando os cabelos de Nora, ela disse:

– Não se preocupe, querida... No fim, tudo dará certo!

Tentando mudar de assunto, Nora sorriu e comentou, de chofre:

– Nunca entendi por que é que você não quis se casar com meu pai! Afinal não é segredo para ninguém que você tinha um caso com ele...

Marie sentiu que ruborizava e, forçando um sorriso, disse:

– Eu era apenas uma empregada, Nora... Sempre soube que seu pai gosta de mim e sempre tive a certeza de que eu não seria capaz de viver sem ele! Porém, a sociedade de Fremont é bem mesquinha e você está cansada de saber disso. Não custaria nada começarem a dizer que eu era uma aproveitadora... E não quis. Preferi ser considerada apenas uma amante... Mais nada!

Fazendo uma expressão amuada, ela finalizou:

– Mas já lhe contei isso antes, menina! Não fique batendo o tempo todo na mesma tecla! Isso cansa!

Nora sorriu.

Beijando as faces rosadas de Marie, ela falou:

– Tem razão... Sou mesmo uma tola! Estou tentando mudar de assunto, estou procurando me dispersar para não ser obrigada a lembrar a todo instante de meu pai...

Com um suspiro, finalizou:

– De meu pai e dos problemas que eu terei, ainda, que enfrentar!

Olhando pela janela do vagão, para a escuridão que reinava lá fora, e falou:

– O pior de tudo é esse Ironhead! Onde será que ele se meteu?

Por usa cabeça passou, em um relâmpago, a cena no quarto de hotel, quando Ironhead se fizera passar por um operário do serviço de manutenção.

Nora não pode deixar de sorrir.

– Não me surpreenderia se ele estivesse disfarçado de maquinista ou ainda de foguista – falou ela – Não seria nem um pouco difícil!

– Ele me parece um indivíduo muitíssimo inteligente – comentou Marie – Ainda acho que ele é a pessoa indicada para resolver esse assunto!

– Não sei porque os federais não o poderiam ser – ponderou Nora – Afinal de contas é sua função fazer esse tipo de serviço!

Marie ergueu os ombros em sinal de resignação e falou:

– Os serviços públicos estão muito desacreditados, Nora... Não podemos fazer nada contra isso! Se quisermos algo bem feito, temos que pagar por isso!

Foi nesse momento que as duas escutaram um ruído na porta do vagão que dava para a plataforma do penúltimo carro da composição.

Assustada, Nora gemeu:

– Há alguém aí, Marie! Acho que são os bandidos!

Marie ia dizer alguma coisa quando a porta se abriu e Ironhead entrou pelo corredor do vagão, vestido com suas roupas de vaqueiro e com um sorriso nos lábios, dizendo:

– Desculpem entrar dessa maneira..., mas é que eu não queria correr nenhuma espécie de risco, compreendem? Os bandidos que estão com seu pai não podem, em hipótese alguma saberem que a Pinkerton continua no caso!

* * *

Carson e Ramson passaram aquela noite praticamente sem dormir.

Em sua cabeça, Ramson estava com uma idéia que, se conseguisse por em prática, abreviaria muito o tempo de seu plano principal.

– Mesmo que Nora tenha saído de Chicago ontem à noite – disse ele para Carson, pensativo – ela não levará menos de cinco ou seis dias para chegar até aqui... Ora... O rancho está em uma situação disciplinar caótica... será muito fácil apanharmos o gado que se encontra nas pradarias mais distantes e, simplesmente enviá-lo para Cheyenne para que seja vendido... Não teremos dificuldade em conseguir um milhão de dólares, desde que consideremos que há dinheiro no cofre do rancho, desde que consideremos que não há tanto dinheiro assim por aqui!

Fitando intensamente o companheiro, ele completou:

– Nós poderemos, somando o dinheiro que conseguirmos agora com o que nós já temos, o montante suficiente para comprarmos o Springer’s Ranch no leilão!

Batendo nas costas de Carson, acrescentou:

– E, para isso, precisaremos apenas fazer com que Springer e sua filha desapareçam definitivamente! A propriedade irá para leilão e nós ficaremos com tudo!

Carson meneou a cabeça em sinal de dúvida e perguntou:

– E como é que você pretende fazer para que não haja qualquer outro lance? Como pensa evitar que um outro grupo venha a adquirir essa propriedade?

Ramson sorriu maldoso, e respondeu:

– Isso é o mais fácil... Você acha que encontrará muitos homens com coragem suficiente para nos atacar? Para se levantar contra nossa opinião ou, melhor dizendo, contra os Colts de nossos homens?

Carson foi obrigado a concordar com as palavras de seu amigo.

Realmente, Fremont já conhecia de longa data os pistoleiros que estavam sob as ordens de Carson e de Ramson... E não haveria quem se habilitasse a enfrentá-los!

Havia, no entanto um problema...

– Se nós comprarmos esse rancho assim, não haverá uma só pessoa que seja capaz de duvidar que fomos nós os que matamos Springer e sua filha! – disse Carson.

– Sei disso – replicou Ramson – Mas isso não tem muita importância. A partir do momento em que estivermos com o rancho nas mãos nós seremos poderosos o suficiente para não precisarmos nos preocupar com coisas desse tipo! Nós dois dominaremos Fremont e faremos valer aqui apenas as leis que nos interessam!

Carson sorriu.

– Isto está me soando melhor – disse ele – Há muito que eu venho dizendo que nós dois temos que estar à testa de tudo o que acontece por aqui!

Ficando subitamente muito sério, Carson comentou:

– Nós temos que eliminar aquela francesa, também... Todos sabem que ela era cacho de Springer! Pode ser que esse canalha tenha deixado algum documento nomeando-a herdeira... Seria muito idiota se, depois que tivéssemos matado pai e filha, descobríssemos que há outros herdeiros!

– Tem razão – concordou Ramson – e vou providenciar isso o mais depressa possível!

Levantando-se, deu alguns passos pela sala e falou:

– Em primeiro lugar, temos que cuidar do gado. Precisamos ter o dinheiro para a compra do rancho e, mais do que alcançar um dinheiro das mãos de Nora, será melhor se pudermos vender o seu próprio gado... Em Cheyenne conseguiremos isso com facilidade. Enquanto isso, poderemos enviar para Saint Louis alguns rapazes com a finalidade de interceptar a viagem de Nora e de Marie...

Deu uma risada e encerrou:

– Poderemos sacrificar os seus momentos de diversão com Nora em função de alguns dólares a mais...

Carson sacudiu a cabeça negativamente e murmurou:

– Não! Eu quero essa moça... se for o caso, irei pessoalmente a Saint Louis para apanhá-la! E pode estar certo de que ainda vou conseguir os últimos centavos dela antes de violentá-la e matá-la!

Ramson olhou intrigado para o companheiro e este, rindo, explicou:

– Basta que eu tenha Marie em minhas mãos... Nora daria os seus últimos dólares para libertá-la!

* * *

– Não posso entender porque diabos você não age normalmente, como todas as outras pessoas! – exclamou Nora, oferecendo um uísque para Ironhead – Não podia entrar em nosso vagão em uma das estações? Não podia se identificar? Tinha que entrar assim, como se fosse um autêntico bandido?

Charles Ironhead sorriu.

– Há muita coisa que você só vai conseguir compreender depois que tiver um pouco mais de experiência e quando souber um pouco melhor compreender o lado mau das pessoas... – falou ele – Por enquanto, basta que saiba que eu estou tomando todo o cuidado possível no sentido de não deixar que se perceba a minha presença ao seu lado... Não há interesse nenhum em saberem que a Pinkerton continua no caso, compreende?

Nora fez um sinal afirmativo com a cabeça e murmurou:

– Sim... Acho que sou capaz de compreender..., mas daí a aceitar...

Sorriu, tomou um gole de uísque no copo de Ironhead e falou:

– Mas deixo em suas mãos... Acho que é o mínimo que eu posso fazer!

O agente da Pinkerton sorriu e, concordando com as palavras de Nora, falou:

– Nós vamos modificar um pouco o nosso itinerário... Iremos para Fremont, mas pelo caminho mais longo! Isso quer dizer que, em Saint Louis, ao invés de seguirmos para Dodge City, nós iremos para o sudoeste, para o norte do Texas... Será uma volta bem longa mas, no meu entender, será muitas vezes mais seguro!

CAPÍTULO 4

Um drama em Saint Louis

As duas mulheres desceram para a movimentadíssima plataforma da estação de Saint Louis, seguramente uma das mais movimentadas dos Estados Unidos pois era precisamente ali que se cruzavam nada menos que oito grandes ferrovias.

Além disso, pelo fato de a estação ser exatamente ao lado do porto fluvial, o movimento de cargas era muito grande e, assim, a estação estava permanentemente parecendo um formigueiro, com carregadores transportando enormes malas dos navios para os trens, cargas as mais variadas de um lado para o outro e, evidentemente, milhares e milhares de passageiros que deixavam os barcos para apanhar os trens ou vice-versa, pessoas que desciam das composições para ocuparem seus camarotes a bordo dos luxuosíssimos navios fluviais que navegavam pelo Mississipi e pelo Missouri.

– Não imaginava que pudesse existir tanta gente por aqui! – comentou Nora, estupefata, agarrando-se com força à mão de Marie – Sempre tive o Oeste e mesmo a parte central dos Estados Unidos como lugares desertos!

Marie sorriu.

– Você verá em Denver, querida, quando chegarmos lá! Denver, sim, é que é uma cidade movimentada! – disse ela – Movimentada e violenta! e é isso que é ruim!

Olhando para a frente, Marie avistou a composição constituída por apenas um vagão, um tender e uma locomotiva.

Uma composição particular, alugada por Ironhead para que as duas mulheres e ele mesmo pudessem viajar mais depressa já que havia efetuado a compra de todos os horários desde Saint Louis até Fremont.

Nora e Marie entraram na composição seguindo as instruções que Ironhead havia ditado, ou seja, caminhando pelo lado de fora da estação e aproximando-se do trem que iriam usar pelo lado contrário ao da plataforma de passageiros.

– Será um pouco desagradável caminhar sobre as pedras do leito da ferrovia – dissera ele – Mas em compensação, vocês duas correrão menos riscos!

De fato, Nora constatou que não havia absolutamente ninguém por ali no momento em que chegaram perto da composição e, com um sorriso de satisfação, viram Charles Ironhead se aproximar delas, vindo da locomotiva.

Com um sorriso, ele falou:

– Benvindas ao nosso trem, queridas! Espero que estejam bem confortáveis aqui e que apreciem as compras que eu fiz para suprir a despensa do vagão...

Marie, sempre muito crítica, correi os olhos pela despensa e logo, com um sorriso de desdém, disse:

– Mas esses texanos não sabem mesmo comer... Onde é que estão as verduras?

Ironhead bateu com a mão espalmada em sua testa e murmurou:

– Eu sabia que havia esquecido alguma coisa...

Marie sacudiu a cabeça negativamente e falou:

– Vi um vendedor de frutas e legumes perto da plataforma... Eu irei comprar!

Ironhead ia dizer que não, que não seria seguro ela se mostrar demais, mas a mulher insistiu:

– Não vimos ninguém suspeito, Charles. De mais a mais, se havia alguém com intenções escusas a nosso respeito, com certeza estará de olho no trem que acabamos de abandonar e não neste aqui... Poderei perfeitamente ir comprar o que está faltando sem que corra risco de nenhuma espécie!

Ironhead refletiu por alguns instantes e, chegando à conclusão que Marie estava com a razão, falou:

– Está certo..., mas vá e volte bem depressa!

Entregou-lhe cem dólares para que fizesse as compras e, muito embora Marie e Nora insistissem em pagar essa despesa, ele não aceitou, alegando que tudo aquilo estava correndo por conta da Pinkerton...

– Afinal, você está pagando bem caro pelo trabalho da Agência – disse ele – Não há nada de mais em que nós efetuemos essas pequenas despesas!

Nora viu Marie se afastar em direção à plataforma da estação 5, enquanto ajudava Ironhead a arrumar as suas bagagens pelas três cabinas do vagão, ouviu-o dizer:

– Não podemos perder muito tempo aqui em Saint Louis, Nora... Temos que partir antes de anoitecer para que possamos pegar o maior número possível de linhas livres até Fremont!

Com uma expressão de desagrado, ele afirmou:

– Já sei que teremos um pouco de problemas em Cheyenne pois precisaremos esperar o cruzamento com o trem de transporte de gado...

Olhando para Nora, ele explicou:

– E é o mais demorado pois o trem terá que descarregar todo o gado nos currais ao lado da linha principal e também ao lado da linha secundária. Isso quer dizer que estaremos parados, com as duas linhas ocupadas até que todo o gado seja liberado! Uma espera que pode demorar até cinco ou seis horas!

Sorridente, Nora retrucou:

– Bem... Sempre saberemos como ocupar o tempo... Até agora, pelo menos, você tem sido uma companhia muitíssimo agradável!

Nora sorriu mais amplamente ao ver que o rapaz corava muito e que resmungava alguma coisa, afastando-se depressa, para disfarçar o seu encabulamento.

Já tinha tirado todas as coisas de sua mala e estava começando a se dirigir para a cabina ocupada por Marie, quando escutou passos junto ao vagão, passos pesados que esmagavam o cascalho do leito da ferrovia.

* * *

Marie deixou o vagão e caminhou apressadamente até a plataforma.

O verdureiro, como ela tinha visto, lá estava e ficou muitíssimo satisfeito ao ver o tamanho da compra que a mulher tinha feito.

Afinal de contas, não era todos os dias que alguém aparecia por ali para comprar tantas alfaces, tantas couves e tantas frutas!

– Quer que a ajude a levar até sua casa, senhora? – perguntou ele, pressuroso – É muita coisa para carregar!

Marie sorriu, recusou o oferecimento do bom homem e, distraída, falou:

– Não é necessário... Estou aqui mesmo, na estação...

Foi quando já estava se afastando, carregando as duas enormes cestas de verduras, que ela viu Carson sorrindo em sua direção.

Imediatamente, alguma coisa como se fosse um alarma soou em sua alma.

Era estranho que Carson estivesse ali...

Era mais estranho, ainda, que estivesse sorrindo para ela, justamente aquele homem que ela ajudara Springer a expulsar do rancho algumas semanas antes de Robert desaparecer...

E, então, como que em um fenômeno de clarividência, as respostas surgiram em sua cabeça.

Era quase certo...

Carson estava metido naquela história e, se isso fosse verdade, Ramson com toda a certeza também o estava...

Tentou fugir.

Tentou deixar as duas cestas e correr em direção à cidade, com a intenção de pedir socorro ao xerife.

Porém, Carson foi mais rápido e a impediu, segurando-a pelo braço e dizendo:

– Vamos, minha cara... Trate de apanhar a sua cesta e siga para onde está a sua patroa... Nós temos algumas coisas a lhe perguntar...

Marie empalideceu.

Sabia muito bem o que é que aquelas palavras significavam e o tamanho do perigo que a sua Nora estava correndo...

Olhando friamente para Carson, ela disse:

– Não... Não irei a lugar nenhum... você pode me matar, se quiser, mas não irei a lugar nenhum!

Carson fechou a cara.

Conhecia Marie muito bem e sabia que quando aquela francesa decidia alguma coisa, não havia o que a fizesse sair do caminho que tinha tomado.

Puxando-a para um lugar mais deserto da estação, tirou da cintura uma afiada faca Skinner e disse:

– É melhor obedecer, velha... Ou eu terei o maior prazer em esfolá-la viva!

Marie sabia muito bem que não escaparia viva daquele monstro.

Olhou para os lados e viu que mais quatro homens do rancho de Ramson ali se encontravam, o que significava que suas suposições estavam mais do que corretas.

Se Carson conseguisse chegar perto de Nora, mesmo que esta estivesse em companhia de Ironhead, não teria nenhuma chance...

O máximo que ela poderia fazer seria chamar a atenção dos guardas da estação para que, vendo que alguma coisa de anormal estava acontecendo, impedissem um ataque ao trem particular.

Marie abriu a boca para gritar...

Não o conseguiu.

Carson fez correr a lâmina da Skinner por sua garganta, impedindo-a de emitir qualquer som...

Marie tombou, o pescoço dilacerado pelo bandido, o seu sangue esguichando em todas as direções...

Um dos homens que estava com Carson olhou consternado para o corpo da mulher estendido no chão e comentou:

– Foi uma estupidez... Agora, não poderemos fazer coisa nenhuma... Não sabemos onde é que a moça se encontra!

– Mas é só usar a cabeça! – exclamou Carson – Para que é que você acha que essa mulher estaria comprando tanta coisa? G porque é que ela estaria andando justamente no sentido contrário ao da cidade?

Mostrou com o dedo o trem particular parado na linha morta da estação, já a locomotiva aquecida, simplesmente esperando a ordem de partir...

– Nora está lá – disse ele – Naquele trem particular!

Com um sorriso maldoso, acrescentou:

– E nós vamos entregar as verduras que a amante de seu pai encomendou!

* * *

Nora olhou para Ironhead e este lhe fez sinal para que ficasse em silêncio.

Sem fazer o menor ruído, através das venezianas do banheiro, principal, Charles Ironhead pode ver aqueles dois homens trazendo as cestas de verduras.

Possivelmente, um outro agente da Pinkerton, um homem de Chicago ou do Leste, não teria percebido o truque.

Porém, pelo simples fato de ser um indivíduo do Oeste, um texano, Ironhead percebeu que ali estavam dois bandidos... Verdureiros não usam revólveres...

E muito menos, esporas!

Olhou para trás.

Nora estava ali, muito perto dele, pálida, mostrando que o medo estava prestes a tomar conta de seu espírito, levando-a ao pânico...

Quase encostando os lábios ao ouvido direito da moça, Ironhead disse:

– Fique aqui... Há alguma coisa muito errada e eu vou descobrir de que se trata.

Pé ante pé, ele se dirigiu para a porta lateral do vagão e, já com o revólver na mão, destravou o ferrolho.

Foi o bastante.

Com um pontapé, o bandido que estava à frente, abriu-a e entrou, já procurando atingir o rapaz com seus tiros.

Porém, Charles Ironhead era um homem extremamente rápido com os revólveres...

Seus Colts cantaram.

Suas balas, certeiras como jamais se poderia imaginar, foram atingir o centro da testa dos dois homens, derrubando-os já do lado de fora do vagão, mortos muito antes de tocarem o solo cascalhado do leito da ferrovia.

Nora gritou.

Correu instintivamente para os braços de Charles, procurando amparo, procurando proteção e, assim, impedindo o rapaz de dar continuidade aos seu tiros pois ele se viu obrigado a fechar depressa a porta, com medo que Nora viesse a ser atingida por uma bala disparada por alguém que estivesse ali, dando cobertura aos dois facínoras mortos.

Pode ouvir nitidamente os passos de dois homens que se afastavam correndo e disse:

– Sobraram dois, Nora... pena que não os pude apanhar!

Nora, porém, naquele instante não estava preocupada com essas coisas...

Ela queria saber onde é que se encontrava Marie que, na realidade, deveria estar ali com as verduras, ao invés daqueles dois bandidos.

Ironhead segurou a moça pelos ombros e falou:

– Acho que você não deve alimentar esperanças. Nora... Maria teria vindo até aqui! Com toda a certeza!

Nora começou a chorar, encostando-se muito ao corpo de Charles, provocando nele uma estranha e agradabilíssima sensação...

Afastando-se da moça para que seus instintos se acalmassem um pouco, o rapa falou:

– Vamos esperar um pouco... logo saberemos o que é que aconteceu. O mais importante, é você não sair daqui, não se expor de forma nenhuma!

CAPÍTULO 5

Um assassino terrível

Carson viu, assustado, o que é que tinha acontecido aos seus dois companheiros e achou que o mais prudente era se afastar dali o mais depressa que pudesse para que aquele pistoleiro que estava com Nora não tivesse ideias de começar a persegui-lo.

Assim, praticamente correndo, ele ganhou a estrada que passava atrás da estação e que se dirigia para a Cidade Ripuária, ou seja, a parte de Saint Louis que beirava o Mississipi, misturando casas com peniches e balsas que eram utilizadas como moradias pelos segmentos menos favorecidos da população.

Satisfeito, constatou que não fora seguido, o que lhe dava chance de tentar mais uma vez atingir o seu objetivo e, assim, eliminar de vez aquele pistoleiro e matar Nora...

Só que ele não queria, simplesmente, matar Nora...

Carson não se esquecera que era preciso satisfazer os seus instintos. Era necessário dar vazão à sua animalidade...

Ele violentaria Nora...

Custasse o que custasse!

Já mais tranquilo, caminhou pela Stream River Street, a rua principal daquele bairro pobre, até chegar a um pequeno bar, um desses estabelecimentos em que até mesmo o Diabo tem medo de entrar.

Ladeado pelos dois companheiros remanescentes, ele se aproximou do balcão e pediu que lhe servissem uísque.

Atendido, tirou do bolso uma nota de cinquenta dólares e, pondo-a sobre a tábua simplesmente asquerosa, falou:

– Estou precisando contratar alguns homens...

O barman apertou um pouco os olhos e indagou:

– Para que tipo de serviço?

– É para um trabalho em que não se faz muitas perguntas – respondeu Carson com um sorriso e um piscar de olhos.

O barman resmungou alguma coisa assentindo com a cabeça e, apanhando a nota, falou:

– Fique por aqui... Dentro de mais meia hora, no máximo, alguns homens começarão a aparecer... Talvez seja interessante conversar com eles!

E, com uma risada, acrescentou:

– Eu avisarei... Pode ficar tranquilo que eu avisarei.

Menos de um quarto de hora mais tarde, dois homens entraram no bar.

Por seu porte, por sua maneira de andar e de se movimentar, podia-se ver com facilidade que se tratava de dois pistoleiros profissionais...

Usavam os Colts muito baixo em sua cintura, colocados em coldres de saque rápido, presos às suas coxas por tiras de couro...

O olhar duro, calculista e desconfiado, traía o permanente estado de sobressalto em que costumam viver os pistoleiros, aqueles que fazem dos revólveres as suas ferramentas de trabalho.

O barman cochichou alguma coisa ao ouvido do mais velho deles e olhou na direção de Carson.

Momentos depois, o recém-chegado se aproximava do bandido dizendo, sem nenhum sorriso, sem nenhuma expressão além da patibular que já possuía:

– Jack falou que você tem alguma coisa para me propor...

Carson sorriu.

– Não sei – retrucou – Não sei se você serve para o que eu estou pretendendo!

Warren, esse era o seu nome, ergueu os ombros e disse:

– Pois ficará eternamente sem saber coisa nenhuma se não experimentar...

Carson mediu os dois homens da cabeça aos pés...

Demorou um pouco mais o olhar nos seus revólveres e, por fim, falou:

– Acho que não custa nada tentar... Afinal de contas, quem é capaz de comer pedras é porque conhece os próprios dentes...

* * *

O xerife veio trazer a notícia da morte de Marie e Nora, já bastante abalada pelos acontecimentos daquele dia, não conseguiu resistir.

Sentindo que suas pernas se transformavam em gelatina, ela se deixou desmoronar, caindo sobre o sofá.

Vendo que o agente da Pinkerton quase entrava em pânico com o desmaio da jovem, o xerife sorriu e falou:

– Isso não é nada... Um bom gole de uísque e ela estará nova em folha... Cuide dela... Vou providenciar o enterro de sua empregada...

Momentos depois que o xerife deixou o vagão, Nora começou a dar sinais de que se recuperava e, olhando, chorosa, para Charles, murmurou:

– Marie... Pobre Marie...

Charles se limitou a apertá-la contra o seu peito, mostrando-lhe que não deveria ficar preocupada, que não havendo mais o que fazer, o melhor era aceitar a situação e procurar, ao menos não dar chance aos bandidos para que eles fizessem o mesmo com eles dois...

Omitiu-se de dizer que achava que aquilo era um péssimo sinal pois mostrava que aqueles homens não estavam para brincadeiras, não tinham escrúpulos e poderiam muito bem fazer com que a moça entrasse em uma situação de pânico tão grande que, sozinha, acabasse caindo em suas garras.

– Pobre moça – pensou Charles – Ainda terá muito o que enfrentar, ainda terá muito o que sofrer! Isto é apenas o começo!

Lembrou-se dos outros que haviam conseguido escapar.

Sim...

Era mais do que evidente que tentariam outra vez e ele, como guardião de Nora, teria que estar mais do que preparado para uma surpresa das melhores!

Olhou através da janela...

Já começava a escurecer e isso queria dizer que era preciso estar mais atento do que nunca...

Obrigou Nora a se deitar, afrouxou-lhe as roupas e, dando-lhe um beijo na testa, falou:

– Fique aqui e procure descansar... acredito que amanhã, já poderemos ir ao enterro de Marie sem que ninguém nos esteja ameaçando!

Nora segurou-o pelo braço e pediu:

– Não me deixe aqui sozinha, Charles! Eu vou morrer de medo!

O agente da Pinkerton sorriu.

Afagando os cabelos de Nora, retrucou:

– Não se preocupe, Nora... estarei aqui perto. Estarei vigiando este vagão com todo o cuidado, de maneira a não deixar que alguma coisa de ruim venha a lhe acontecer!

Através do alçapão do teto, ele subiu para a coberta do vagão e se estendeu entre as duas partes elevadas, ficando escondido de quem quer que olhasse para lá...

Não teve que esperar muito...

Cerca de uma hora mais tarde, já completamente escuro, o pátio de manobras da estação apenas iluminado pelos lampiões de acetileno pendurados nos postes, o que emprestava uma luminosidade esverdeada e um tanto quanto fantasmagórica, Charles pode ver que cinco vultos se esgueiravam por entre as pilhas de dormentes meio apodrecidos que estavam ali esperando para virar lenha nas caldeiras das locomotivas.

Sorriu consigo mesmo...

Apertando-se, achatando-se contra o teto do vagão, ele esperou que os cinco chegassem mais perto.

Rezou para todos os santos pedindo para que não se separassem demais o que iria dificultar enormemente uma defesa do lugar onde se encontrava...

Pareceu-lhe que os seus pedidos foram ouvidos no céu...

Os cinco homens avançaram bem juntos, aproximando-se da porta lateral do vagão...

Ouviu nitidamente um deles dizer:

– Liquidem o homem... A moça, será para a nossa diversão e, depois, nós a mataremos!

Charles sentiu os pelos de seu corpo se eriçarem...

Não...

Aqueles homens não poderiam jamais tocar em um só fio de cabelo de Nora!

Percebeu, chegando até a se assustar, como aquela moça tinha se tornado importante para ele...

Parecia até que ela fazia parte de seu ser, fazia parte de sua aura!

Sacudiu a cabeça, tentando afastar de si aqueles pensamentos.

Não podia se dar ao luxo de se distrair sonhando com alguma coisa que poderia ser perfeitamente impossível...

Olhou novamente para os cinco homens.

Eles já estavam suficientemente perto para que pudesse começar a atirar.

Teria sido muito simples, disparar contra os cinco dali de onde se encontrava.

Porém, era algo que ele não gostava nem mesmo de pensar em fazer: atirar à traição contra alguém, não era coisa de um texano!

Com toda a calma, deixou-se escorregar para trás do vagão e, dando-lhe a volta, aproximou-se dos cinco bandidos.

– Estão desejando alguma coisa? – perguntou ele com uma entonação fria em sua voz.

Os cinco homens voltaram a cabeça em sua direção, as mãos já com os revólveres prontos para disparar.

Porém, não chegaram a fazê-lo.

Charles Ironhead deixou cair as suas sobre as coronhas de seus Colts, sacando-os e fazendo-os cuspir fogo com uma rapidez e uma precisão surpreendente.

Carson foi o primeiro a cair.

A cabeça atravessada por uma bala, ele foi empurrado para trás e tombou ao chão já morto, enquanto os revólveres de Charles continuavam a disparar, enviando os outros quatro facínoras para uma viagem sem volta ao Inferno.

Mais uma vez, ele escutou Nora gritar, desesperada.

A porta do vagão se abriu, a despeito de suas recomendações à moça de não sair de lá de maneira nenhuma...

Com uma expressão severa no rosto, ele a admoestou:

– Você não deveria sair... E se eu estivesse morto, em vez dos bandidos?

Abraçada a Charles, Nora falou, soluçando muito:

– Se isso tivesse acontecido, eu preferiria morrer. Nada mais teria importância para mim, Charles...

O agente da Pinkerton olhou para ela.

Seu rosto estava muito perto do seu, os lábios erguidos, como se pedindo um beijo...

Não havia como escapar às evidências...

Charles roçou aqueles lábios úmidos, sensuais, que pareciam tão sequiosos de amor...

Nora sorriu.

– Acho que você vai imaginar que eu seja uma leviana, não é mesmo? – perguntou ela.

– Não poderia pensar isso de você, Nora – falou Charles – Eu jurei que jamais me apaixonaria por uma mulher leviana!

Beijou-a novamente e acrescentou:

– E eu estou certo de que estou apaixonado por você!

* * *

Partiram para o Oeste no dia seguinte, depois do enterro de Marie e depois que o xerife apanhara todas as declarações a respeito das mortes que tinham acontecido no pátio de manobras da ferrovia, naquela noite...

Nora estava preocupada, estava tristíssima por causa da morte de Marie, mas, ao mesmo tempo, sentia-se feliz, realizada, já que havia conseguido vencer a própria inibição e mostrara para Charles que o amava, que o desejava acima de qualquer coisa e de qualquer circunstância.

Charles, por sua vez, parecia estar vivendo em um sonho...

Tinha passado a noite quase toda amparando Nora em seus braços, sentindo a sua respiração junto ao peito, percebendo seu corpo tremer com as carícias que lhe fazia...

Sim...

Não havia nada melhor do que viver um momento de amor...

E, para ele, que já estava começando a achar que jamais encontraria a mulher de seus sonhos, tudo parecia estar sendo obra de uma brincadeira fantástica do Destino.

Depois que o trem partiu, abraçados, muito juntos sobre o sofá da sala de estar, Charles falou:

– A partir de agora, as coisas poderão ficar um pouco mais perigosas, querida...

Nora olhou para ele com expressão preocupada e perguntou:

– Mas porquê?

– A esta altura, o telegrama que eu enviei para Fremont, para o jornal de lá, dando conta de que esse homem morreu e de que você continua seguindo normalmente para o Wyoming, já deve estar nas mãos do redator. Isso significa que os seus inimigos estarão sabendo muito bem que você

está acompanhada por alguém que não está disposto a brincar... Logo, as tentativas de nos eliminarem em Cheyenne serão bastante perigosas! Bastante prováveis!

– Nesse caso – argumentou Nora – não iremos para lá!

– E ficaremos o resto da vida com medo desses homens? – protestou Ironhead – Não! Quero poder acabar de uma vez com esse problema!

Muito sério, ele acrescentou:

– Não tenha muitas esperanças de encontrar seu pai vivo... Acho que esses homens estavam tentando um golpe milionário... E nesse golpe, não havia lugar para sobreviventes, compreende?

Com uma expressão profundamente triste, Nora fez que sim com a cabeça.

– Sei o que quer dizer... E a morte de Marie praticamente confirma as suas palavras... Eles não querem que fique ninguém... Marie não precisaria ter sido assassinada a menos que eles estivessem com medo de que papai tivesse deixado alguma coisa para ela, alguma cláusula testamentária que a fizesse herdeira e, assim, viesse a atrapalhar os planos desses canalhas...

Encostou-se muito em Charles e falou, já chorando:

– Sim, querido... Eu sei que não posso ter qualquer esperança... E apenas tenho a lamentar muitíssimo que eu não o tenho podido ver depois de ter chegado da Inglaterra.

Charles Ironhead acariciou os cabelos da moça e sussurrou ao seu ouvido:

– Vamos ver o que é que o Destino nos reserva, minha amada... Você sabe que nós nunca podemos ir contra os desígnios dele!

CAPÍTULO 6

A vontade do Destino

A viagem até Cheyenne foi exatamente o sonho dourado que Charles sempre tivera e que imaginava jamais poder realizar.

Nora se mostrara muito mais do que apaixonada e, apesar de sua inexperiência nas coisas do amor, ela provara ser a sua metade faltante, provou que a vida sem a sua presença seria insuportável.

Talvez, exatamente para tentar esquecer Marie, para tentar esquecer seu pai e todos os problemas por que estava passando, Nora se dedicou a amar Charles como jamais homem nenhum fora amado.

– Não poderia imaginar que isso ia ser tão bom – disse ela, depois da primeira vez – Sempre pensei que seria dolorido, deprimente...

– Você viu que não há nada de depressivo, querida – falou Charles – Mas isso, é porque nós nos amamos... Porque o que fazemos não é mais do que a materialização do amor que sentimos um pelo outro...

– Viveremos para sempre esse amor, não é verdade, Charles?

Charles não respondeu.

Limitou-se a beijá-la, a cobri-la com seus carinhos, a murmurar em seu ouvido entre os gemidos de prazer o quanto ele a amava e o quanto ele temia que de um momento para o outro ela simplesmente desistisse dele.

– Mas você está louco? – protestou Nora quando, minutos depois, ainda ofegantes, eles se mantinham quietos, muito juntos, naquele estado de quase letargia que sucede o amor – Acha que eu desistiria?

E, com um sorriso, beijando-lhe os lábios, falou:

– Não vou desistir, querido... e pode estar certo de que o mundo será pequeno demais para você se esconder de mim caso queira fugir!

Era um receio que ela não precisaria jamais ter...

Charles morreria, mas não se separaria nunca mais de Nora!

De Denver, ele telegrafou para a Pinkerton pedindo a sua demissão, explicando que se casaria assim que acabasse de resolver o caso Springer...

Em Denver, mesmo, recebeu a resposta de Mayne desejando-lhe toda a felicidade possível e dizendo-lhe que a demissão lhe era negada, uma vez

que, assim que se casasse e se estabelecesse em Fremont, passaria a ter que se preocupar com a organização de uma filial da Pinkerton no Wyoming.

E foi em Denver mesmo que ele teve a confirmação de que as suas suposições estavam mais do que corretas.

Suposições de que o pai de Nora já não mais pertencia ao mundo dos vivos.

* * *

Ele e a moça estavam voltando para o trem depois de terem recebido o telegrama de Mayne, quando um garoto, vendendo jornais, se aproximou.

– Não quer o jornal da tarde, senhor? – perguntou ele.

Fazia tempo que Charles não lia um jornal e, movido pela curiosidade de saber o que estava acontecendo ali no

Centro-Oeste, adquiriu um exemplar do Colorado News, um dos seis jornais que circulavam diariamente em Denver naquele final de século.

A manchete saltou-lhe aos olhos e Charles não conseguiu, de maneira nenhuma, esconder a notícia de Nora.

Ali, logo na primeira página, estava escrito:

O MILIONÁRIO ROBERT SPRINGER É ENCONTRADO

O corpo do milionário Robert Springer, de Fremont foi encontrado esta madrugada no centro de Fremont, dependurado em uma das árvores em frente à igreja. O reconhecimento do cadáver foi efetuado por pessoas amigas, entre elas o médico de Fremont e o próprio xerife.

Em seguida, seguia-se uma reportagem sobre o desaparecimento de Springer e uma série de suposições a respeito das causas para esse assassinato.

Uma das ideias era a de que estava havendo uma mudança de poder em Fremont, o controle da cidade saindo das mãos magnânimos de Springer para as mãos tirânicas de um grupo de rancheiros que objetivava apenas dominar tudo e todos pelo terror. O jornal dizia:

Não se sabe quem sejam esses rancheiros, mas, com toda a certeza, dentro de pouco tempo se terá conhecimento de seus nomes. E, mais uma

vez, nada poderá ser feito pois é a impunidade o que mais lamentavelmente está caracterizando o Oeste dos Estados Unidos neste final de século.

Charles amparou Nora que chorava em silêncio, os ombros se sacudindo por causa dos soluços.

– Agora estou sozinha, Charles – disse ela – Completamente sozinha!

– Você não está sendo justa, Nora – protestou Charles – E eu? Não serei alguém, por acaso?!

Nora o beijou, molhando-lhe o rosto com suas lágrimas e falou:

– Você é diferente... Você faz parte de mim... Por isso é que eu acho que estou sozinha... Você e eu, nós estamos sem mais ninguém!

E, voltando a soluçar, gemeu:

– Pobre papai... Ele ficaria tão contente ao me ver casada com um homem como você...!

* * *

A chegada a Cheyenne foi a surpresa das surpresas.

Em primeiro lugar, Nora não teve qualquer dificuldade em reconhecer, no gado que ali estava, nos currais de mercado da estação, as marcas de seu rancho.

– Estão vendendo o meu gado! – exclamou ela, horrorizada – Mas isso não é possível!

Charles olhou para o gado, olhou para a moça e perguntou:

– Mas você tem certeza?

– Claro! – exclamou Nora – Então não saberia distinguir a marca? Veja! RSR! Robert Springer Ranch! Não há o que duvidar!

Charles Ironhead sorriu.

Isso era, por um lado, muito bom...

Havia uma imensa probabilidade de que os bandidos estivessem ali mesmo em Cheyenne...

– Não se mostre, não saia de nosso camarote – recomendou ele, com expressão severa – Desta vez, trate de me obedecer pois o perigo que estaremos correndo será muito grande! Os bandidos não podem saber que você está neste trem, compreende?

Nora fez um sinal afirmativo com a cabeça e pediu:

– Por favor, querido... Tome cuidado... Prefiro ficar sem nada, desde que eu não o perca!

Charles sorriu.

Esmagando os lábios de Nora com os seus, fechou a cabina e deixou o trem.

Não teve qualquer dificuldade em encontrar os responsáveis pelo gado que ali se encontrava e, assim, ficou sabendo que um homem chamado Ramson tinha apanhado aqueles bois a troco de uma dívida enorme que o Springer’s Ranch tinha com ele e, como não havia quem pagasse, o próprio Juiz determinara que os animais fossem entregues ao suposto credor.

Charles nada fez, no momento.

Apenas gravou bem em sua memória a fisionomia daquele homem e rumou para o saloon.

Já começava a cair a noite quando Ramson chegou, cercado por quatro companheiros que mais pareciam pistoleiros profissionais do que vaqueiros, muito embora estivessem usando trajes adequados à lide com o gado.

Por um instante, houve um silêncio respeitoso no saloon, já que todos ali sabiam que aquele homem tinha conseguido vender, nada menos que duzentos e cinquenta mil dólares em bois e vacas para o mercado do Wyoming...

Uma venda considerável, um preço formidável por cada animal.

– Uísque para todos! – exclamou Ramson – Hoje, acho que posso pagar a rodada!

Sua idéia foi acolhida com aplausos e, depois de haver servido a bebida para todos, Ramson ergueu o copo dizendo:

– Vamos brindar ao negócio que realizarei na semana que vem!

Novamente, todos ficaram em silêncio, esperando que ele dissesse que negócio seria aquele.

Com um sorriso nos lábios, mostrando claramente o quanto ele era cínico, Ramson bradou:

– Vou adquirir o Springer’s Ranch no leilão! E vocês vão ver como todo o Wyoming vai se desenvolver!

Antes que todos começassem a gritar entusiasmados, já antegozando um formidável pileque por conta de Ramson, uma voz firme e dura se ergueu no meio da turba:

– Não haverá leilão nenhum!

Um silêncio sepulcral pairou sobre o ambiente.

Uma mosca poderia ser ouvida a voar naquele instante...

Ramson fechou a cara, pousou o copo sobre o balcão e, olhando para Charles Ironhead, perguntou:

– E porque é que você está dizendo uma coisa dessas?

O agente da Pinkerton mostrou a sua placa de identificação um distintivo que, por causa de um convênio assinado entre Allan Pinkerton e o governo da União lhe dava poderes de Inspetor Federal, e disse:

– O leilão só acontece quando não há qualquer herdeiro, Ramson! E Robert Springer deixou uma herdeira... Uma herdeira que vai mostrar que não se rouba de um cidadão honesto com tanta desfaçatez!

Ramson empalideceu.

Olhou para os lados, viu que seus homens estavam a postos...

E viu, também que todas as fisionomias, até aquele instante alegres e satisfeitas com a perspectiva de um pileque gratuito, o olhavam com desconfiança manifestando a curiosidade de saber de que forma aquilo terminaria...

– Você não pode falar assim... – tentou ele – Nora está desaparecida, assim como o pai...

– Não! – exclamou Charles – Nora está aqui... E estará amanhã pela manhã dando entrada em uma ação contra você!

Não foi preciso mais...

Charles ainda ia dizer que tinha sido ele o assassino de Marie e de Robert, mas não foi necessário.

A estabilidade emocional de Ramson já tinha sido atingida e seriamente abalada.

Aqueles rostos, todos olhando para ele como que a pedir explicações, aquelas fisionomias que mostravam claramente que não iriam acreditar em suas palavras especialmente porque iriam contra as de um agente da Pinkerton a pessoa mais respeitada em um lugar...

Não...

Eles não o deixariam escapar a menos que abrisse caminho à bala.

Assim pensando, Ramson foi às armas.

Ele era rápido.

Extremamente rápido, é bem verdade!

Porém, daí a conseguir bater Charles Ironhead em um duelo, o passo era impraticável!

Charles esperou que ele tirasse as armas dos coldres, esperou que seus homens o imitassem...

E, então, ele se mexeu.

Com um salto prodigioso, uma pirueta de autêntico malabarista de circo, ele escapou da linha de visada daqueles indivíduos e foi se posicionar ao seu lado, aproveitando-se de um ângulo em que poderia alvejar sem que fosse visado pelos facínoras.

Deu ao gatilho de seus Colts...

Os quatro bandidos que acompanhavam Ramson caíram ao chão, os quatro já feridos de morte, na cabeça.

Já Ramson teve os seus ombros atingidos, de maneira a não mais poder fazer mal a ninguém pelo resto de seus dias.

Resto, aliás que seria muito pequeno, tendo em vista que a sua condenação seria, sem dúvida nenhuma, a forca.

– Você ficará vivo, canalha... – disse Charles – Deverá confessar os seus crimes! E terá que devolver todo o dinheiro que apanhou de Springer, bem como o dinheiro obtido na venda desse gado que não lhe pertence!

Um burburinho começou a brotar da multidão.

Sim...

Todos acreditariam em Ironhead!

Afinal, ninguém era mais prestigiado no Oeste dos Estados Unidos, que os agentes da Pinkerton!

– Forca! – gritou alguém – Forca para o bandido! Acabem com a sua vida!

EPÍLOGO

Um castigo merecido

Nora se abraçou à Charles e disse, beijando-o muito, beijando-o com sofreguidão, com verdadeiro desespero:

– Agora, acabou, querido! Nós poderemos ser felizes! Poderemos nos casar e dormiremos sossegados!

– Temos muito trabalho pela frente – falou ele – Reconstruir o Rancho não será uma brincadeira!

Nora sorriu.

– Para nós será uma brincadeira divertida, meu amor! Você verá que em muito pouco tempo, o Springer's Ranch voltará a ser o que era antes!

Ficando subitamente séria, ela perguntou:

– E Ramson? Quando será o seu enforcamento?

– Já foi – respondeu Charles com um certo amargor – Ramson foi linchado!

E, balançando a cabeça negativamente, acrescentou:

– Não pudemos evitar... Embora o xerife e eu fizéssemos de tudo para sossegar a população de Cheyenne, não pudemos evitar que o agarrassem e o matassem!

Nora ficou em silêncio por alguns momentos e, então, beijando os lábios de Charles, disse:

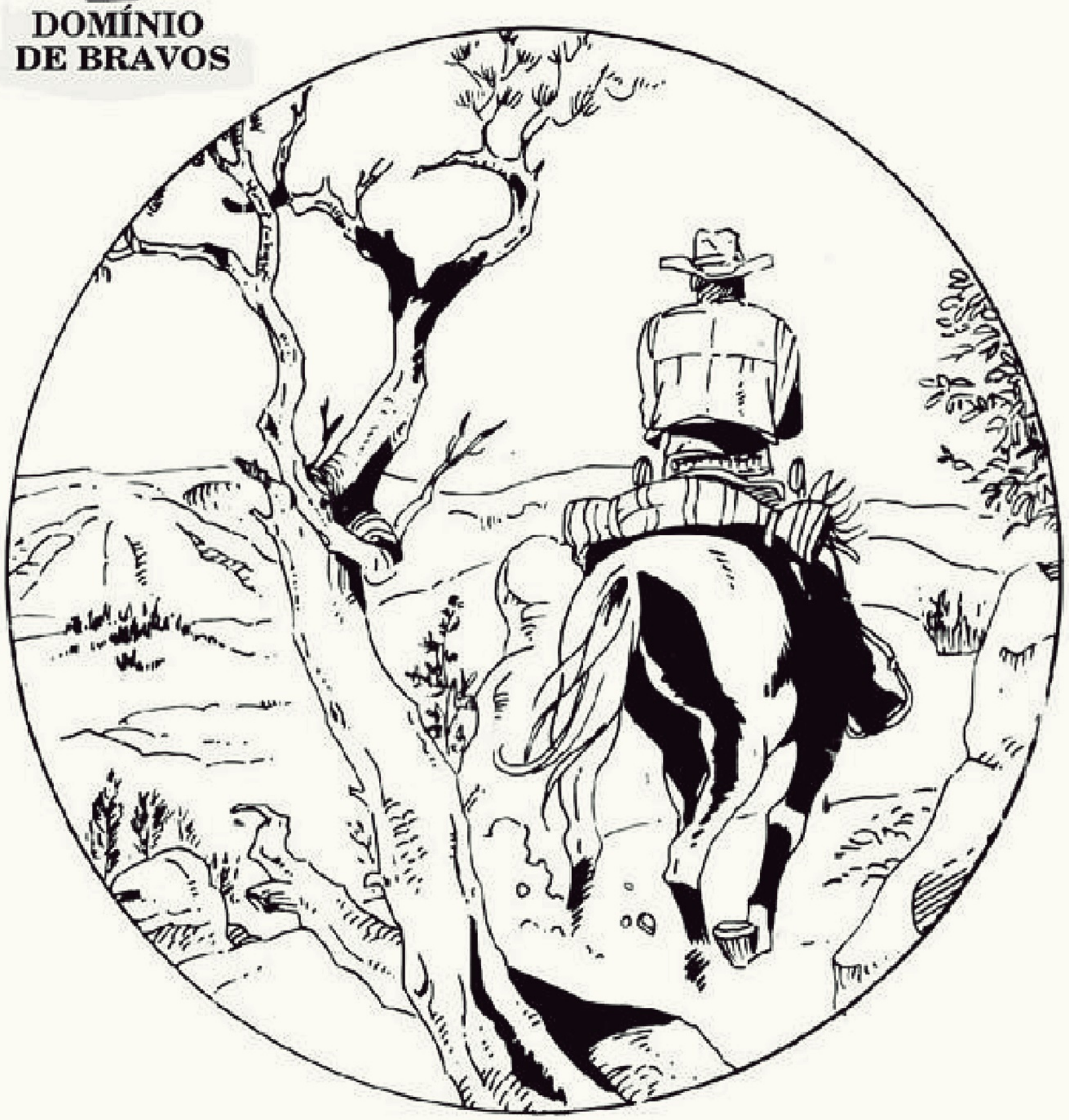
– Há aqueles que recebem prêmio, há aqueles que recebem castigos...

Sorriu e continuou:

– Você recebeu um prêmio... Assim como eu! Nós nos temos mutuamente! Já Ramson, Carson e os outros bandidos, não receberam mais do que um castigo!

Charles fez um sinal afirmativo com a cabeça e murmurou, apertando Nora contra si:

– Um castigo merecido, Nora..., mas muito mais do que merecido!

FIM

DOMÍNIO
DE BRAVOS